



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CAMPUS I**

CYBELLE RODRIGUES FIDÉLIS

**REGISTRO ETNOGRÁFICO DE REZADEIRAS NO ESTADO DA
PARAÍBA, BRASIL**

**CAMPINA GRANDE – PB
JUNHO / 2016**

CYBELLE RODRIGUES FIDÉLIS

**REGISTRO ETNOGRÁFICO DE REZADEIRAS NO ESTADO DA
PARAÍBA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Érica Caldas S. de Oliveira

**CAMPINA GRANDE – PB
JUNHO / 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F451r Fidélis, Cybelle Rodrigues.

Registro etnográfico de rezadeiras no Estado da Paraíba, Brasil [manuscrito] / Cybelle Rodrigues Fidélis. - 2016. 32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira, Departamento de Ciências Biológicas".

1. Etnografia. 2. Cultura popular. 3. Crenças. 4. Rituais de cura. I. Título.

21. ed. CDD 398.41

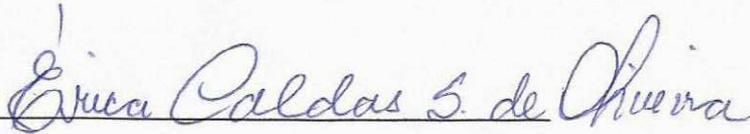
CYBELLE RODRIGUES FIDÉLIS

**REGISTRO ETNOGRÁFICO DE REZADEIRAS NO ESTADO DA
PARAÍBA, BRASIL**

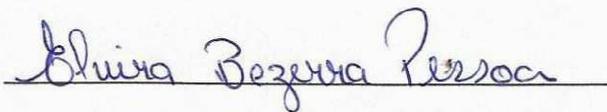
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Ciências
Biológicas da Universidade Estadual da
Paraíba (Campus I) em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de Licenciada
em Biologia.

Aprovado em 02 / 06 / 2016.

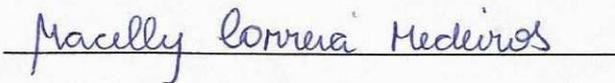
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Érica Caldas S. de Oliveira / UEPB
Orientadora



Profa. Dr^a. Elvira Bezerra Pessoa / UEPB
Examinador



Profa. MSc. Macelly Correia de Medeiros / UEPB
Examinadora

A minha mãe, *Maria do Céu Rodrigues Irmã*; meu esposo, *José Cláudio Fidélis Pereira*; todos os meus familiares e amigas, em especial *Juliana Moura e Iara Oliveira*; pelo incentivo, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte de força diante das incertezas ao longo de toda a minha vida e especialmente durante os cinco anos de curso.

À minha mãe, Maria do Céu Rodrigues Irmã, pela criação a mim concedida ao longo de muitas lutas e desafios e por me conceder os primeiros ensinamentos sobre o valor dos estudos.

À Profa. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação em atender as minhas infinitas dúvidas.

Aos meus avós (*in memoriam*), Izaura Rafael e Cícero Rodrigues, por seus ensinamentos cheios de sabedoria e seu carinho, dedicado a mim durante as suas vidas.

Ao meu esposo, José Cláudio Fidélis Pereira, pelo carinho, dedicação e incentivo durante esta jornada, e por me ajudar a tornar esse trabalho possível.

Aos meus irmãos Jefferson Rodrigues e Kleber Rodrigues; aos meus tios e tias e demais familiares pelo carinho.

Aos meus amigos e amigas, especialmente os que estiveram sempre comigo durante esses cinco anos me dando força para não desistir.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da UEPB, os quais contribuíram ao longo desta caminhada, por meio das disciplinas e debates, para o meu desenvolvimento acadêmico.

A banca examinadora pela disponibilidade prestada.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

“A simplicidade é o último degrau da Sabedoria”.

Khalil Gibran (1883-1931), filósofo libanês.

REGISTRO ETNOGRÁFICO DE REZADEIRAS NO ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL

*Cybelle Rodrigues Fidélis**

RESUMO

A busca pelo restabelecimento da saúde através das rezas remonta tempos longínquos e faz-se presente até os dias atuais, ela configura-se como prática alternativa de cura e encontra-se inserida na chamada medicina popular. Neste trabalho, objetivou-se realizar uma análise de representações e significações de práticas de rezas e benzeduras por rezadeiras paraibanas, relacionando-as a suas vivências de rezadeira/benedeira. O trabalho está estruturado da seguinte forma: uma primeira parte, em que se expõe elementos que contextualizam a temática abordada; e uma segunda que traz a discussão para o âmbito das rezadeiras entrevistadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. Para a coleta de dados, utilizou-se de entrevistas livres e em um segundo momento a aplicação de questionários semiestruturados. Através dos resultados alcançados, observa-se que o universo das rezadeiras é rico em simbologias e ritos culturais arraigados, suas falas perpassaram o tempo e revelaram em gestos e súplicas a importância do ofício de rezadeira para a história e expressão cultural do povo brasileiro.

Palavras-chave: Etnografia; Cultura Popular; Crenças; Rituais de Cura.

* Aluna de Graduação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: rodriguescybelle@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O sincretismo religioso e a interação entre diferentes culturas durante a evolução social do povo brasileiro, cuja formação ao longo da história caracteriza-se por uma forte diversidade cultural, contribuíram de maneira significativa para a construção de uma vasta herança, representada em diversos elementos da cultura nacional.

A memória cultural representa um legado histórico ainda marcante nas sociedades atuais e é nesse contexto que os rituais de rezas e benzeduras se inserem, como práticas alternativas de cura, fortemente presentes na medicina popular e no tratamento de problemas físicos e espirituais em diferentes regiões do Brasil.

Autores como Oliveira e Trovão (2009), Santos (2009), associam o fenômeno das rezadeiras ao conjunto de práticas denominado catolicismo popular, muitas vezes ignorado pelo clero oficial. Por meio de súplicas e rezas por vezes inaudíveis, as rezadeiras atravessaram os tempos balançando seus ramos, costurando seus tecidos, amarrando seus cordões, afastando os males do corpo e da alma, que afligem seus clientes.

Em culturas tradicionais, a figura do rezador, revela o quanto estes povos encontram-se envolvidos com rituais que representam o universo do sagrado e do simbólico, e que é através dos sentidos atribuídos as situações e aos símbolos que o cercam, que os atores sociais constroem seu mundo social (QUEIROZ 1980, QUINTANA, 1999, OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

Embora se saiba que as rezadeiras estão presentes em diversas regiões do Brasil é na região Nordeste, que essa prática assume uma dinâmica cultural específica e bastante recorrente (SANTOS, 2009).

Face ao exposto e tomando como base o registro etnográfico, este trabalho teve por objetivo principal analisar as representações e significações de práticas de rezas e benzeduras por rezadeiras paraibanas, relacionando-as a suas vivências de rezadeira/benedeira.

* Aluna de Graduação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: rodriguescybelle@hotmail.com

2 ESTADO DA ARTE

2.1 *Registro Etnográfico*

A etnografia, de acordo com Matos (2011), compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas. Os grupos de maior incidência de interesse como participantes nessa abordagem são pessoas diferentes, portanto, passíveis de serem desprezadas em outras abordagens de pesquisa por não constituírem um padrão determinado e validável para generalizações do conjunto da sociedade (MATOS *op. cit.*)

A pesquisa etnográfica requer, para sua realização, que o pesquisador adentre no ambiente de seu objeto de estudo e nele permaneça durante o chamado período de observação. Esse referido período tem por objetivo o entendimento, por parte do pesquisador, das ações dos sujeitos estudados. Para que, ao atribuir significado a essas ações, o pesquisador aproxime-se ao máximo do significado que o próprio sujeito pesquisado daria a mesma.

Essa significação fiel depende intimamente do comprometimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, como destacado por Eckert e Rocha (2008, p. 2):

A pesquisa etnográfica se constituindo no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado, através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.

Um grande entrave nessa atribuição de significados se deve ao fato de que, as pessoas que contem a significação que se busca, muitas vezes não têm consciência de que as possuem e nem se mostram articuladas ao ponto de conseguir apontar o motivo de viverem e agirem de determinada forma. Desse modo, cabe ao pesquisador fazer essa interpretação que dará significado as ações dos sujeitos pesquisados.

Pode-se dizer que o registro, assim como a descrição etnográfica depende principalmente dos atributos do pesquisador, da percepção que ele possui para entender quando qualquer ponto da sua pesquisa necessite de adequação. Ele deve ter sensibilidade ao lidar com o outro e participar de um mundo que não lhe pertence, e também, conhecer o contexto onde está inserido seu objeto de estudo.

2.2 *Rezas e Benzeduras*

Em algumas sociedades mais tradicionais a busca primeira por um tratamento de saúde é direcionada a práticas alternativas de cura, podendo indivíduos nestas comunidades valerem-se de práticas ritualísticas de curandeiros, rezadores, pajés, xamãs, entre outros. Estas práticas se configurariam, portanto, em uma oportunidade para o restabelecimento da condição de saúde, através de rezas, benzeduras, banhos, rituais os mais diversos.

Além disso, a prática das rezas para restabelecer uma condição de saúde, é um fenômeno que remonta tempos longínquos. E, de acordo com Santos (2007), ao contrário do que muitas pessoas imaginam, as rezadeiras têm papel significativo no tratamento de diversas doenças e, muitas vezes, os enfermos buscam tanto o médico quanto essas mulheres.

A difusão dessa prática, e conseqüentemente sua consolidação até os dias atuais, deve-se em parte ao atendimento médico insuficiente, precário e/ou algumas vezes insatisfatório ao paciente. Assim como, ao entendimento arraigado de que tais práticas tem a capacidade de levar a cura de determinados males. Outro fator que contribui para tal consolidação, é a visão fria, pouco humanizada, da medicina tradicional em relação ao estado de doença. Como afirma Quintana (1999), via de regra, a classe médica põe ênfase no fato de que as doenças teriam um componente estritamente biológico, excluindo assim qualquer relação da doença com a realidade social e cultural.

Mas o que seria benzer? De acordo com Oliveira (1983), benzer é abençoar, solidarizando-se ao mesmo tempo, com os deuses e com os sujeitos socializados. Nesse ato, Quintana (1999), admite que o trabalho da benzeadeira, “[...] consiste em conseguir, por seu intermédio, o favor de Deus. Ainda que esse favor se dê, principalmente, pela atuação da benzeadeira, o paciente deve ter a condição da fé.” Essa afirmação nos remete ao critério que é presença constante no universo das rezas: a necessidade da fé na cura é fator condicionante para a efetividade da reza.

Com relação ao ritual da reza, este é repleto de detalhes simbólicos, como o uso de três ramos de pinhão roxo, por exemplo. O número três representa no plano simbólico, a Santíssima Trindade. Ela também está presente na abertura do ritual, momento no qual o rezador invoca: “com dois te botaram, com três Jesus Cristo tira” (SANTOS, 2010).

O autor também chama a atenção para outro detalhe, referindo-se ao horário para a prática das rezas. Pois cada uma possui um dado momento para ser realizada, mas esse nunca deve ser antes das seis horas da manhã, nem após as seis da noite.

Ainda conforme Santos (2010), essas referências a elementos sagrados como a Santíssima Trindade, apresentam-se como uma forma de legitimar as rezas, da mesma maneira que algumas orações utilizadas são apresentadas como tendo sido deixadas por Cristo, mostrando a busca das rezadeiras pela validação da sua prática.

Santos (2010) também afirma que as rezas podem ser classificadas em três grupos, de acordo com sua finalidade: para curar humanos, curar animais e controlar fenômenos da natureza. As do primeiro grupo são as mais populares e as do último vem se perdendo ao longo do tempo, principalmente devido à ausência de rezadeiras para realizá-las.

Além disso, deve ser ressaltada a especificidade na prática das rezas uma vez que, segundo Santos (2009), há casos em que uma rezadeira só reza para “vento caído”¹, outra reza apenas para “carne triada”², e assim por diante. Desse modo, quando uma rezadeira não pode atuar sobre uma doença existe outra que pode.

2.3 Usos De Plantas Em Rituais De Cura

Segundo Albuquerque (1997), apud Oliveira e Trovão (2009), os homens são dependentes das plantas como recursos necessários à sobrevivência e culturas diversas detêm um saber tradicional sobre o uso de plantas para os mais variados fins.

Nessa gama de variadas categorias de usos das plantas, enfatiza-se aqui o uso destas em rituais de cura. Entendendo-se aqui ritual como cerimônias constituídas de gestos simbólicos repetitivos, carregados de intencionalidade (GUILLOUSKI; COSTA, 2012). No ritual um elemento da natureza é escolhido para ser usado durante a reza, e a função deste seria mediar o exorcismo dos males atormentados, dentre esses elementos, as plantas são aqueles mais utilizados (SANTOS, 2010).

¹ De acordo com Santos (2009) vento caído, também chamado de ventre virado, é uma doença específica de criança e está associada ao desarranjo intestinal e a desidratação.

² Ainda segundo Santos (2009), carne triada refere-se a torção ou luxação de um membro.

Por outro lado, estudos etnobotânicos realizados por Silva; Andrade (2005), evidenciam que em comunidades localizadas na Zona do Litoral-Mata do estado de Pernambuco, plantas foram indicadas em várias categorias de uso, como: banhos, defumadores, benzeduras e rezas, usando-se toda a planta ou parte dela. Contudo, Oliveira e

Trovão (2009), registraram o uso de plantas por rezadores, [...] em seus rituais de rezas e benzeduras associando um determinado vegetal a uma ação terapêutica, nos processos ritualísticos da reza.

Segundo Oliveira (1983), os curandeiros, as benzedoras, as parteiras, os raizeiros, os ervateiros, feiticeiros, encontram-se classificados como agentes populares da medicina popular. Além das rezadeiras, curandeiros se podem encontrar figuras como os xamãs que também tem suas práticas incluídas na chamada medicina popular.

Cabe aqui ressaltar a diferença entre os que mais se aproximam das benzedoras no tocante a suas práticas, são eles os curandeiros e xamãs. Curandeiros não se limitam a fazer apenas a cura através de benzimentos, mas também possuem um alto conhecimento de ervas que curam e costumam receitar, completando o tratamento (MARTINS; JOSEFINA, 2015). Por sua vez, de acordo com Monteiro (2006), o xamã é aquele que consegue entrar, manter-se e sair dos estados alterados de consciência; trazendo ensinamentos e curas para si e para os outros [...] tendo a sua disposição espíritos, seres ou entidades. Assim como no universo das rezadeiras, no dos xamãs é preciso que seja manifestado o dom para tal ação, não se decide ser xamã, existem justificativas naturais que o confirmem para tal condição (MONTEIRO, *op. cit.*).

No Brasil, o xamã é representado pelo pajé e o xamanismo é comumente chamado de pajelança. Maués (1994), define “pajelança cabocla” como um conjunto de práticas de cura xamanística, com origem em crenças e costumes dos antigos índios Tupinambás. Conforme Oliveira (1983), a medicina popular praticada pelas benzedoras é um fenômeno culturalmente relevante, encontrando paralelo nas sociedades tribais, na figura dos pajés e dos xamãs.

2.4. *Rezadeiras/benedeiras*

Segundo Weber (1999), as mulheres tinham um papel fundamental em relação aos cuidados com a saúde, tanto na família como na vizinhança, surgindo como figuras mais atuantes. Essa afirmação nos indica o motivo de as rezadeiras serem presenças constantes na prática da cura através das rezas há muito tempo, e porque até hoje elas se fazem maioria em relação aos homens na arte da cura (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

Além disso, registros históricos indicaram que devido à ausência de médicos, ou atendimento pouco humanizado, as rezadeiras foram surgindo como opção mais viável à busca da cura pela população. Desprovidas dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais [...] em vez de médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais resgatavam a saúde (DEL PRIORE, 2007).

Dessa forma, tal comportamento se mantém até os dias atuais, em que estas rezadeiras são procuradas para levar ao pronto restabelecimento da saúde corporal ou espiritual, de modo exclusivo ou concomitante com a medicina convencional.

Outro fator que consolida a prática das rezadeiras deve-se ao fato que a doença é vista pelo doente como algo inexplicável e isso acarreta ainda mais sofrimento para o mesmo. De acordo com Del Priore (2007), nos primeiros tempos da colonização do nosso país, a doença era vista como uma advertência divina, um justo castigo por infrações e infidelidades perpetradas pelos seres humanos. Já Quintana (1999), afirma que a dor é sempre intolerável enquanto significar algo arbitrário. Mas quando ela adquire um sentido, torna-se suportável. É em busca dessa linguagem que as pessoas procuram uma benedeira.

Mas quem seriam, realmente, essas mulheres? Santos (2009), define rezadeiras ou benedeiras como mulheres que realizam as beneduras e para executar esta prática elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, como “súplicas” e “rezas”, com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. Em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo (2001) define as “mulheres que rezam” como: mulheres, geralmente idosas, que têm “poderes de cura” por meio de benzimento”.

A definição de Câmara Cascudo, para as “mulheres que rezam”, baseia-se no padrão observado para as rezadeiras, que de maneira geral, são mulheres com idade avançada e é

justamente essa idade avançada que lhes confere credibilidade no ofício da reza. O que é reforçado também pela concepção de Quintana (1999), quando esse afirma que para poder obter um reconhecimento social, estas terapeutas devem ter uma idade que garanta, para seu grupo, um certo saber. Elas devem ser a voz da experiência. Mesmo em casos onde a aptidão para a reza se manifeste antecipadamente, o verdadeiro reconhecimento por parte da comunidade só virá com o aumento da idade.

Convém lembrar que o ofício das rezas é sempre visto como sendo um dom natural, e não uma mera opção. A presença de tal prerrogativa pode acompanhar a benzedeira desde seu nascimento ou pode se desenvolver durante sua vida juntamente ao ensino da reza ou no surgimento e enfrentamento de alguma forma de doença ou “atrapalhos” (MELLO, 2013). Nesta perspectiva, temos inseridas as formas de aprendizagem da reza que conforme Quintana (1999), pode ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado de uma experiência sobrenatural e a que é consequência de um processo imitativo em relação a um mestre. Assim, na ausência de dom, é inútil a transmissão de conhecimentos sobre as rezas.

No entanto, as rezadeiras que atribuem seus conhecimentos a experiências sobrenaturais tendem a ser melhor reconhecidas. E a benzedeira precisa do reconhecimento do grupo para exercer com êxito suas funções (QUINTANA, 1999).

Por outro lado, a pluralidade de religiões em nosso país é visível, e no universo das rezadeiras não poderia ser diferente. De modo geral, elas se dizem adeptas do catolicismo. Mas também é comum, a combinação de mais de uma religião numa mesma rezadeira. Santos (2007), observou a existência de rezadeiras que comungavam de religiões aparentemente contrárias à religião católica, ou seja, rezadeiras evangélicas que se afirmavam também com sendo católicas e uma rezadeira adepta do Culto da Jurema que também se dizia ser adepta da religião católica.

Todavia, essa junção de distintas religiões parece não interferir na tarefa de curar. Nem mesmo a proximidade com elementos que são condenados pelo catolicismo interfere nesta atividade, pois a opção de ajudar na busca pela saúde sobressai qualquer outro fator.

2.5 *Cenário no Brasil*

Em nosso país encontra-se diferentes culturas e tradições populares, a benzeção está inserida nesse conjunto de manifestações que sobreviveram, e se reinventaram, dentro do possível, aos moldes da modernidade. Como afirmam Silva e Farinha (2012), as benzeduras são práticas de curas presentes nas regiões brasileiras, originárias de um ambiente rural.

Trabalhos em regiões do país, abordando essa temática podem ser encontrados. Oliveira (1983), aborda sobre diversos aspectos o ofício das benzedeadas em Campinas, no estado de São Paulo. Sá Xavier (2004), fala sobre as representações simbólicas da tríade saúde/doença/cura na comunidade de Saco do Mamanguá, em Paraty no Rio de Janeiro. Machado (2007), nos fala sobre a permanência da benzeção como prática em plena vigência no estado de Minas Gerais. Mello (2013), por sua vez, analisa o uso e manifestação dos “dons”, das benzedeadas do município de Rebouças, Paraná.

Dessa forma, embora se saiba que as rezadeiras estão presentes em diversas regiões do Brasil é no Nordeste que essa prática assume uma dinâmica cultural específica e extremamente recorrente (SANTOS, 2009). No Nordeste, observam-se trabalhos como: Santos (2005), que apresenta os diferentes aspectos sobre saberes e práticas de cura, difundidos na região de Santo Antônio de Jesus, Bahia. Cavalcante (2006), que trata da incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-CE. Santos (2007, 2009), que possui diferentes trabalhos sobre essa temática no âmbito do estado do Rio Grande do Norte. Oliveira e Trovão (2009), trataram da identificação de espécies vegetais utilizadas em rituais de rezas e benzeduras no estado da Paraíba e Costa (2012), aborda as tradições e a permanência das rezadeiras na cidade de Alagoa Nova, no estado da Paraíba.

No que concerne a benzeção, segundo Silva e Farinha (2012), essa é um tipo de prática que preservou vários elementos do passado brasileiro, de pessoas ligadas a cultura campesina. Ademais, Oliveira (1983) constatou que as rezadeiras são predominantemente originárias do ambiente rural e que migraram para os centros urbanos. Essa inversão do rural para o urbano se acentuou a partir de 1970 com o êxodo rural (MACHADO, 2007). Sobre esse processo de migração, Oliveira (1983) também afirma que as acompanhou nesse deslocamento uma cultura rural que com elas também migra. Essa cultura vai passar por transformações, porque ela é fecunda e dinâmica, reinventando-se constantemente.

Como se sabe, o ambiente urbano se caracteriza pela diversidade, que pode ser observada inclusive no campo da cura. Rabelo (1998), afirma que no Brasil há uma pluralidade de cultos religiosos que oferecem serviços de cura. Cada qual conta com um rico repertório de imagens e símbolos que expressam distintas visões de mundo e oferecem aos seus participantes posições e/ou papéis específicos neste mundo.

Diante dessa variedade, nota-se uma mudança na postura das rezadeiras ao encontrarem-se em um meio urbano, visando uma melhor adaptação às culturas, religiões e classes diversas que ali se encontram. Como é evidenciado por Quintana (1999), nas rezadeiras da zona rural observa-se a forte ligação à igreja católica; enquanto entre as do meio urbano, não se verifica um vínculo estreito com nenhuma instituição religiosa.

E justamente devido a essa gama de cultos religiosos nos centros urbanos, percebe-se uma perda de espaço por parte das rezadeiras, como é destacado por Quintana (1999, p. 51):

Existem certas características que diferenciam este procedimento de cura no contexto urbano e no contexto rural. Uma delas é a perda de hegemonia que a prática da benzedura sofre na cidade. Enquanto no meio rural é a prática popular por excelência, que reina quase absoluta, na cidade, ela compartilha este espaço com inúmeras outras práticas.

Não obstante, apesar de todos estes pontos, o que se verifica é a permanência das rezadeiras e suas práticas, sejam elas adaptadas ao meio ou não, e a presença dessas nas diversas regiões do nosso país. Evidenciando que tais práticas permanecem ativas em nossa sociedade. Conforme Silva e Farinha (2012), mesmo com as interferências sofridas em ambiente urbano e com a ampliação da medicina, há mulheres que se dedicam aos rituais do benzimento.

3 METODOLOGIA

3.1 *Área de Estudo*

O estado da Paraíba situa-se entre os meridianos de 34°45'54" e 38°45'45" a oeste de Greenwich, e os paralelos de 6°02'12" e 8°19'18" de latitude sul, no nordeste oriental do Brasil, limitando-se ao norte com o estado do Rio Grande do Norte, ao sul com o estado de Pernambuco, ao oeste com o Ceará e ao leste com o Oceano Atlântico, (SUDEMA, 2004).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/ESTADOS, 2015) o estado apresenta a área de 56.469,744, possui 223 municípios e uma população estimada em 3.972.202. Segundo Moreira (1989) *apud* Oliveira e Trovão (2009), geopoliticamente, o estado se encontra dividido em quatro mesorregiões e 23 microrregiões marcadas por variações de relevo, clima e fitogeografias distintas.

A formação étnica do povo paraibano é fruto de uma forte miscigenação entre o branco europeu, os índios locais e os negros africanos, em conformidade com o que apresenta a formação étnica do povo brasileiro (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). De acordo com Neri (2011), o estado da Paraíba ocupa o 3º lugar no ranking dos estados com maior porcentagem de católicos, com 80,25%, evidenciando o catolicismo como doutrina religiosa mais difundida no estado.

3.2 *Tipo de Pesquisa (Coleta de Dados) e Identificação dos Participantes*

A pesquisa abordou uma análise qualitativa, que trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993).

Esta pesquisa caracteriza-se ainda como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. É exploratória, uma vez que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito; descritiva, pois tem como objetivo primordial descrever as características de um determinado grupo da população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de realização entre variáveis; e transversal, pois é utilizada para descrever associações entre variáveis em determinado momento (GIL, 2008).

Os dados referentes a esse trabalho foram coletados entre 2002 e 2006, pela professora Érica Caldas Silva de Oliveira e alunos do projeto Rezadeiras da Paraíba,

guardados em bancos de dados e vem sendo tabulados atualmente. Para o primeiro contato com as benzedeiras, utilizou-se a técnica de entrevistas livres ou abertas que, de acordo com Mourão e Nordi (2006), possibilita ao entrevistado expressar-se livremente sobre determinado assunto, garantindo uma maior liberdade de expressão de aspectos sócios-culturais pertinentes. Em um segundo momento, procedeu-se a aplicação de questionários semiestruturados com questões abertas, possibilitando ao entrevistado maior liberdade na condução da pesquisa (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2010).

Estes questionários apresentavam como aspectos relevantes a serem levantados: identificação do entrevistado (nome, idade, naturalidade), tempo de prática do ofício de rezadora/benedora e plantas usadas nas rezas, conforme Oliveira e Trovão (2009).

Os rezadores/benedoras foram denominados de especialistas locais, segundo Albuquerque e Lucena (2004).

Além disso, as especialistas locais foram indicadas a partir de contatos prévios com representantes de sociedades de amigos de bairro, clubes de mães e líderes comunitários. A pesquisa envolveu cinco mulheres rezadeiras que vivem em zonas urbanas ou rurais dos municípios analisados. Foram utilizados como principais critérios de inclusão a prática do ofício da benzedura acima de cinco anos e a indicação dos nomes das entrevistadas como especialistas locais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os textos abaixo trazem os relatos de cinco rezadeiras/benedeiras que foram entrevistadas e responderam aos questionários aplicados. Estas mulheres consideradas especialistas em suas localidades, revelaram em suas falas suas vivências do ofício de rezadeiras. Suas representações e práticas e suas relações com o sagrado e a fé.

Dona Inácia do Nascimento, 72 anos (2002), Campina Grande-PB, é rezadeira há 34 anos.

As plantas que Dona Inácia mais utiliza em seus rituais de rezas são: o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), manjericão (*Ocimum basilicum* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.) e vassourinha de botão (*Borreria verticillata* L.) G. Mey.

Ao ser indagada sobre as orações que costuma realizar durante suas rezas e rituais, a rezadeira revela que reza para tirar “mau olhado”³, dores em geral, “espinhela caída”⁴, “derrubar cobra de telhado”, “estancar sangue” “apagar fogo em pasto” e “eczema”⁵. E conta que as orações lhe foram repassadas pelo pai. Dona Inácia afirma que:

“... A oração de São Manso Amansador só pode ser ensinada de um homem para uma mulher, de mulher para mulher enfraquece a reza”

“Mulher ensina a homem”

“Homem ensina a mulher”

As revelações apresentadas aqui por Dona Inácia corroboram aquelas encontradas em Santos (2007, p.62), quando do estudo sobre rezadeiras e suas práticas terapêuticas e crenças em Cruzeta-RN, em que o autor afirma ter ouvido de algumas rezadeiras:

As rezas de cura só podem ser transmitidas entre pessoas de sexos opostos. Um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e uma rezadeira só poderia ensiná-las a um homem. Caso contrário, o transmissor das rezas perde os poderes de curar para o receptor.

³ O mau olhado, ou olhado, de acordo com Santos (2009) é uma doença proveniente de uma fascínio que a pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano.

⁴ Segundo Santos (2009) É uma doença que a pessoa adquire por esforço físico excessivo.

⁵ De acordo com Oliveira e Costa Júnior (2011) é uma doença de pele que provoca descamação.

Ao analisar a fala da rezadeira, percebe-se como estes atores sociais lidam com seus valores, suas expressões culturais e suas simbologias ao repassar seus saberes, primeiro por meio da oralidade, destacada em todas as falas das especialistas aqui entrevistadas e depois pela carga simbólica associada à transmissão destes. Pelo significado que estes saberes representam no universo do rezador, do benzedor.

Ao falar sobre as plantas que utiliza em seus rituais de rezas e benzeduras Dona Inácia afirma que:

“O pinhão-roxo é planta forte, tira tudo, a planta é quem recebe todo o mau, absorve a energia negativa, afasta o mau. Padre Cícero só rezava com esta planta”

Das rezadeiras aqui entrevistadas, a maioria faz uso do pinhão roxo, sobre essa planta Oliveira e Trovão (2009) destacam que é uma das mais citadas entre os rezadores, nos rituais de benzeção, sendo utilizada para curar o “mau olhado” ou o “quebranto”.

Ainda com relação a Dona Inácia registrou-se a sua fala que remete ao Frei Damião, que esse não levava crença em rezas, pois dizia que:

“... as pessoas só pegavam para rezar plantas que murchavam rapidamente, para que as pessoas acreditassem que elas tinham olhado e perguntava porque estes rezadores não rezavam com galhos de oiticica que não murchava rápido”. “Aí eu dizia a ele que a rezadora percebe o olhado quando erra na reza e não quando a planta murcha”.

A perda do viço, da pujança da planta durante a reza foi analisada tanto por Medeiros et al. (2011), quanto por Silveira e Albuquerque (2015, p.11), em estudos com rezadores no Piauí, os mesmos relatam que:

Os ramos utilizados normalmente murcham após a reza. O ramo murcha mais rápido após o ritual da reza, e que o ramo só murcha mais rápido se o problema da pessoa for realmente o quebrante.

Dona Maria Gomes, 55 anos (2003), Campina Grande-PB, é rezadeira há 25 anos.

As plantas que Dona Maria Gomes mais utiliza em seus rituais de rezas são: o pinhão roxo e arruda. Essa preferência pode ser explicada através do que constatou Santos (2007), ao

ouvir de uma rezadeira, que tanto o pinhão roxo quanto a arruda são plantas que ajudam a retirar as coisas ruins, pois possuem o poder de atraí-las.

O verificado por Santos (2007), estar de acordo com Dona Maria Gomes, a qual afirmou ao seu questionada sobre o sentido da presença de algumas plantas em seu espaço de cura:

“Eu sempre tenho em casa arruda e pinhão-roxo dentro de um copo com água junto aos meus santos, para afastar o mau olhado. Se alguém entrar em minha casa com intenção ruim, logo a arruda murcha e o pinhão-roxo seca, essas plantas tem muito poder”

O relato de Dona Maria Gomes é corroborado com registros apresentados por Santos (2007, p. 28) ao caracterizar o espaço de cura, denominado por esse como espaço terapêutico-religioso, conforme a seguir:

Os adornos, imagens de santos, altares, bonecas pretas, bíblia sagrada, rosários, flores de plásticos, velas brancas, peças de roupas para serem rezadas, ramos de pinhão roxo, televisão, entre outros, estão dispostos abertamente e convivem lado a lado nas residências ou nos “espaços terapêutico-religiosos.

Dona Maria de Souza, 42 anos (2003), Areia-PB, é rezadeira há 20 anos.

Dona Maria de Souza apresenta uma particularidade em relação ao comumente observado entre as rezadeiras. O fato de ter iniciado o ofício da reza com uma idade considerada jovem para a prática, 22 anos. Sobre esta particularidade, Farinha (2012, p. 59) registra que ao iniciar seu ofício quando jovem, a rezadeira enfrenta questionamentos quanto à validade de suas orações.

Quanto às plantas mais utilizadas, Dona Maria de Souza disse fazer uso de: arruda, pinhão-roxo e vassourinha de botão. Como constatado por Oliveira e Trovão (2009), a vassourinha de botão é indicada para rezas contra o mal olhado e espinhela caída.

Ao ser indagada sobre o papel das plantas no ritual da reza, assim falou Dona Maria de Souza:

“As plantas curam as doenças com o seu poder”

Tal afirmação é corroborada por Oliveira e Trovão (2009) no trabalho com rezadores, em que se observa como forma de uso terapêutico a utilização da planta como um instrumento usado no gestual da reza e da benzedura, alguns dos especialistas entrevistados, todavia, afirmam que uma determinada planta é usada para um determinado mal específico.

Contudo, é importante registrar o que observou Silveira e Albuquerque (2015) ao analisarem o trabalho de uma benzedeira da região da Amazônia que se tornou curandeira. Em que falam sobre as chamadas plantas poderosas, que nessa concepção seriam plantas que possuem o poder de proteger, atrair sorte, felicidade, afastar inveja e curar males do corpo e da alma.

Dona Maria de Caldas Santana, 74 anos (2005), Boa Ventura-PB, é rezadeira há 54 anos.

As plantas mais utilizadas por Dona Maria de Caldas Santana, são: Mamona (*Ricinus communis* L.) e Mussambê (*Cleome spinosa* Jacq.). De acordo com Nery (2006), a primeira é utilizada no ritual para curar cobreiro; e a segunda, conforme Oliveira e Trovão (2009), usada na cura contra o mau olhado ou quebranto.

No tocante à presença da religiosidade no ritual da reza, assim se expressou a rezadeira:

“Quem opera junto com o rezador é a Santíssima Trindade”

A Santíssima Trindade é presença recorrente no universo das rezadeiras. Como foi constatado por Santos (2007) ao perceber que a reincidência do número três no ritual de cura, de acordo com algumas rezadeiras, estava ligado às três pessoas que compõem a Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por sua vez, Silva (2002), em seu trabalho com rezadeiras no Seridó do Rio Grande do Norte, ouviu de uma delas, que em suas sessões de cura, sempre invocava a Santíssima Trindade para que suas orações fossem mais fortes.

Além da citação direta a Santíssima Trindade, também há a presença do número três. Quintana (1999), afirma que ainda que a referência à Santíssima Trindade não seja uma constante nas rezas por ele observadas, o número três sempre o foi.

Outra frase dita pela rezadeira foi:

“O mau olhado é uma admiração por parte de uma pessoa que tem sangue ruim”

Nesse contexto, Santos (2010, p. 84) traz uma conexão entre o número três, a Trindade Santa e o Mau Olhado:

O número três representa, no plano simbólico, a Santíssima Trindade. Ela também está presente na abertura do ritual, momento no qual o rezador invoca: com dois te botaram, com três Jesus Cristo tira. Neste caso, dois indica os olhos que provocaram o olhado, enquanto três reforça a ideia da Trindade Santa.

Além disso, o mau olhado é uma das principais doenças tratadas pelas rezadeiras e somente por intermédio delas pode ser curado. Assim como verificado por Santos (2009), que de acordo com a concepção de saúde e doença das rezadeiras, o olhado só é curado através de rezas, portanto, enfatizam que o médico não soluciona esse mal.

Ainda, segundo o mesmo autor (2009, p. 22), o olhado pode ser definido como sendo:

Proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, forma física, inteligência, etc., ou em qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como animais.

Mais uma frase mencionada por Maria de Caldas Santana foi:

“Para cortar sangramento, toma sangue da palavra”

O “sangue da palavra”, na frase acima, alude a um tipo de oração cuja finalidade seria estancar uma hemorragia. Em seu trabalho sobre os modos interpretativos da doença e da cura de uma benzedeira especificamente, Araújo (2011, p. 93) ouviu, com a finalidade de parar uma hemorragia, a seguinte oração:

*“No altar de Virgem Maria tinha três virgens
Uma dizia: Eu vi
Outra dizia: Eu não vi
E a outra disse: Eu estanquei
(Repetir três vezes) ”*

Dona Maria, 74 anos (2006), Areia-PB, é rezadeira há 52 anos.

As plantas que Dona Maria mais utiliza em seus rituais de rezas são: pinhão roxo, manjerição e sálvia (*Salvia officinalis* L.). Segundo Oliveira e Trovão (2009), o manjerição foi citado para uso em rezas contra mau olhado e espinhela caída; e a sálvia, para dores em geral.

Sobre o papel das plantas no processo de cura, a rezadeira afirmou:

“A planta tem sua função, mas é a reza que cura”

A frase de Dona Maria vai ao encontro do que foi constatado por Santos (2007) ao ouvir de uma rezadeira que planta nenhuma tira doença. Sob essa perspectiva, a planta tem papel apenas simbólico no ritual, atuando somente como acessório ao poder da reza.

Disse também a rezadeira:

“A noite não se faz coleta, a planta se esconde”

A citação acima confirma o observado por Santos (2010), onde o universo das rezas é repleto de impedimentos. Cada reza possui um horário específico para ser realizada, mas o ritual nunca deve ocorrer antes das 6h e depois das 18h. Essa afirmação nos remete ao motivo de a coleta da planta não ser realizada durante a noite, visto que, em sua maioria, as rezadeiras não realizam benzeduras no turno da noite.

O universo das rezadeiras é rico em simbologias e ritos culturais arraigados, suas falas perpassaram o tempo e revelaram em gestos e súplicas a importância do ofício de rezadeira para a história e expressão cultural do povo brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa sociedade cada vez mais acreditada na ciência, que costumeiramente tende a desmerecer tudo que não possa ser comprovado cientificamente, não é de se estranhar a rejeição a saberes vindos do povo e não da academia. Saberes esses, que têm sua validação principalmente, por meio da sua permanência em nossa sociedade através dos tempos.

Nessa perspectiva, as práticas populares de cura, em especial a benzeção, são saberes que se fazem presente na sociedade desde tempos remotos, e sua continuidade até os dias atuais contraria o que era esperado, para esse ofício, pela medicina oficial e por outras correntes que, em sua maioria, desvalorizam o que tem origem empírica.

No estado da Paraíba, assim como em todo o nordeste, essas mulheres estão presentes tanto no interior quanto nos grandes centros, e apesar de sua prática ter sofrido algumas ressignificações ao longo do tempo, em sua essência, preserva os aspectos que a configuram como sendo de grande relevância para nossa sociedade.

Além disso, nota-se que mesmo possuindo algumas diferenças em suas práticas e vivendo em locais distintos, as rezadeiras estudadas apresentaram vários pontos onde suas práticas se encontram. Evidenciando a propagação de valores que não se modificam em relação ao ambiente onde se encontram e o quanto o conhecimento dessas rezadeiras é pautado na tradição e na perpetuação de saberes.

Com base nos resultados, nota-se a riqueza de significações atribuídas a prática das rezadeiras: a simbologia do ritual; a transmissão de saberes; o papel das plantas utilizadas; a particularidade quanto ao horário para realização das rezas; a relação entre idade e confiabilidade; a presença constante da religiosidade e os diferentes tipos de rezas indicadas as enfermidades.

Assim sendo, mesmo em meio a uma maior disponibilidade de recursos da medicina oficial à população, as práticas de cura das rezadeiras permanecem e o fazem porque são necessárias aos que a procuram. Cabe a nossa sociedade enxergá-las com olhares menos preconceituosos e aprender o que essas mulheres têm a ensinar por meio de seus saberes e que têm muito a nos dizer.

ETHNOGRAPHIC RECORD OF PRAYERS IN THE STATE OF PARAIBA, BRAZIL

ABSTRACT

The search for the restoration of health through prayers dates back ancient times and is present until today, it is configured as alternative healing practice and is inserted in the call folk medicine. This study aimed to carry out an analysis of representations and meanings and practices of prayers and blessing by prayers paraibanas, relating them to their experiences of prayer/blessor. The work is structured as follows: a first part, in which it exposes elements that contextualize the issue addressed; and a second that brings the discussion to the scope of the interviewed prayers. This is a qualitative research, characterized as an exploratory, descriptive study of transversal. To collect data, we used free interviews and in a second time the application of semi-structured questionnaires. Through the achieved results, it is observed that the universe of prayers is rich in symbols and ingrained cultural rites; their speeches permeated time and revealed in gestures and entreaties the importance of prayers craft to the history and cultural expression of the Brazilian people.

Keywords: Prayers. Ethnography. Beliefs. Rituals of Healing.

6 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de; SILVA, V. A. da. Técnicas para análise de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. & LUCENA, R. F. P. de. (Org). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife, PE, Brasil: PE, Brasil: Livro Rápido/NUPEEA. p. 63-87,2004.
- ALBUQUERQUE, U.P. de; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. 558p.
- ARAÚJO, F. L. Representações de Doença e Cura no Contexto da Prática Popular da Medicina: Estudo de caso sobre uma benzedeira. **Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais** Número 18, Páginas. 81-97, set.2011.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001
- CAVALCANTE, S. G. **Entre a ciência e a reza**: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-Ce. Rio de Janeiro. 2006. 88 p. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- COSTA, K. F. **Em busca do fio de Ariadne**: as rezadeiras no labirinto histórico da modernidade - uma crítica às teorias do desencantamento do mundo (Alagoa Nova - PB: 1980 a 2012). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.
- DEL PRIORE, M. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: _____ (Org). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: saberes e práticas. Revista In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. (Org) **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. V.9, n.21, 2008.
- FARINHA, A. C. **As transformações da prática de benzimento em Anápolis (1979-2004)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUILOUSKI, B.; COSTA, D. R. D. da. **Ritos e Rituais**. II JOINTH, 20 E 21 DE AGOSTO DE 2012. Disponível: <www2.pucpr.br> Acesso em 21 abr. 2016.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estados**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?lang=&sigla=pb> Acesso em: 06 de maio 2016.
- MACHADO, M. C. T. Ainda se benze em Minas Gerais. In: XXIV Simpósio Nacional de História-Anpuh, 2007. **Anais eletrônicos** do XXIV Simpósio Nacional de História-ANPUH. São Leopoldo, 2007.
- MARTINS, C. K.; JOSEFINA, A. **O que cura**: o benzimento ou o uso das ervas medicinais. 2015. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38541> Acesso em: 22 abr. 2016.

- MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. de. (Org.) **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- MAUÉS, R. H. Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia In: MINAYO, M. C. S. & ALVES, P. C. (Org.). **Saúde e Doença – Um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. p. 73-81,1998.
- MEDEIROS, L. C. M. et al. As práticas populares de cura utilizadas por rezadores no povoado Brejinho, município de Luiz Correia - PI. **Esc. Anna Nery**, Mar 2007, vol.11, no.1, p.112-117
- MELLO, C. A. A. Percepção, intervenção e cura: sobre modos somáticos de atenção e a prática da benzedura. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 57-75, jun. 2013.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública** 9(3):239-262, 1993.
- MONTEIRO, A. V. V. **Xamanismo, a arte do êxtase**. E-books Brasil, 103 pg, 2006.
- MOURÃO, J. S. & NORDI, N. 2006. Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma Abordagem Etnoecológica. **Interciência**, 31: 358-363.
- NERI, M. C. (Coord.). **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: CPS/FGV, 2011. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/religiao/>> Acesso em 25 abr. 2016.
- NERY, V. C. A. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29. 2006, Brasília. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2006.
- OLIVEIRA, E. R. **Doença, Cura e Benzedura: Um estudo do ofício de benzedeira em Campinas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - IFCH/Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1983.
- OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.
- OLIVEIRA, E.C.S.; COSTA JÚNIOR, E.O. Saúde e Doença: Recursos utilizados em rituais de cura no estado da Paraíba. **Revista de Biologia e Farmácia**. v.6, n.1, p.167-175, 2011.
- QUEIROZ, M. S. Curandeiros do mato, curandeiras da cidade e médicos: um estudo antropológico dos especialistas em tratamento de doenças na região de Iguape. **Ciência e Cultura**, 32:31-47, 1980.
- QUINTANA, A. M. **A Ciência da Benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- RABELO, M. C. M. Religião, Ritual e Cura. In: MINAYO, M. C. S. & ALVES, P. C. (Org.). **Saúde e Doença – Um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 47-56, 1998.

SÁ XAVIER, M. A. **Estudo das Representações Simbólicas de Saúde/Doença/Cura na comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty, RJ.** Dissertação (Mestrado), PGCA, UFF, 2004.181p.

SANTOS, D. L. **Nas encruzilhadas da cura:** crenças, saberes e diferentes práticas curativas Santo Antônio de Jesus Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980). 2005. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SANTOS, F. V. **O Ofício das Rezadeiras:** um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

_____; O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC (USP)**, v. 08, p. 06-35, 2009.

SANTOS, M. F. J. Antes do por do sol: Mística nas Rezadeiras de Itabaiana. **Caminhos**, Goiânia, v. 8, n. 2, p.79-91, jul/dez.2010.

SILVA, A. J. R. & ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 19: 45-60, 2005.

SILVA, M. C. e FARINHA, A. C. As benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadas renovada. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano V, n. 13, Maio 2012.

SILVA, M. R. M. Rezar, curar: um caso de persistência cultural no Seridó. **MNEME Revista de Humanidades**, UFRN. Rio Grande do Norte, v.3, nº 5, abr./mai. 2002.

SILVEIRA, D. D. S. & ALBUQUERQUE, M. B. B. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. **Revista COCAR**, Belém, v.9, n.18, p. 255 a 284 – Jul./Dez. 2015.

WEBER, B. T. **As artes de curar:** Medicina, Religião, e Positivismo na República Rio-Grandense,1889 – 1928. Santa Maria: Editora da UFMS; Bauru: EDUSC, 1999.